

A REPRESENTAÇÃO DA FAMÍLIA NA TESSITURA EVARISTIANA- OLHAR SOBRE O DISCURSO MASCULINO¹

Amilton de Almeida Lauriano²

PALAVRAS-CHAVE: Literatura contemporânea, Literatura feminina negra.

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

O trabalho a ser apresentado tem como tema A representação da família na tessitura evaristiana-olhar sobre discurso masculino. A partir dos contos “Ana Davenga” e “Maria”, que fazem parte do livro “Olhos D’água” da escritora mineira, Conceição Evaristo, lançado em 2014. O objetivo geral dessa análise é compreender a representação do discurso do pai nos dois contos. Os objetivos específicos são analisar os espaços onde os sujeitos são inseridos e a contribuição da literatura de autoria feminina negra na contemporaneidade.

As duas histórias se cruzam em vários pontos e facilmente encontramos inúmeras semelhanças nos elementos da narrativa: personagens, enredo, cenário, espaço e observações feitas sobre as características que fundam as relações afetivas afetadas pelo machismo, por questões sociais, pela violência e pobreza. O corpo dos textos ainda há muito mais a dar, quando falamos da literatura enquanto um exercício, não apenas de reflexão, mas de missão, pois Conceição Evaristo exerce sua poesia com propósitos bem definidos. Como escritora, negra, precisa estar sempre provando para o mundo que pode ocupar um espaço, assim como Ana Davenga e Maria, que sonham em estabelecer uma família perto dos filhos e marido, mesmo com toda repressão sofrida. Para Conceição o ato de escrever é um ato de sobrevivência. As mulheres fazem, mas antes que façam precisam mostrar ao mundo, primeiro, que

¹ Trabalho apresentado ao final da disciplina Trabalho de Conclusão de Curso, ministrada pelo Prof. Dr. Inaldo Firmino Soares, como requisito parcial para a obtenção do grau de Licenciado(a) em Letras Português-Espanhol pela Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE), sob orientação do Prof. Dr. orientação do Prof. Dr. Iêdo de Oliveira Paes. Março/2021.

² Graduando Amilton de Almeida Lauriano em Licenciatura em Letras Português-Espanhol pela UFRPE. E-mail: amilton_camaragibe@gmail.com

sabem o que estão fazendo e quando se trata de uma atividade hegemonicamente de pessoas brancas, do sexo masculino e de classes privilegiadas, aumentamos ainda mais os abismos, pensemos nesses desafios para uma mulher negra e pobre... Todas as provas postas à mesa tornam a tarefa literária um desafio inalcançável para quem busca, com todas as dificuldades, o espaço de ser, de fazer. Já que as narrativas, dessas escritoras, são o reflexo de coragem e ousadia dos seus cotidianos, por que não usar a literatura como ferramenta para desarmar todo o racismo, o machismo, a violência, a opressão, a subordinação que elas sofrem? Conceição Evaristo tem esse propósito, sempre teve, assim como Maria Firmino dos Reis, Carolina Maria de Jesus e tantas outras que agora parecem não estar sozinhas. O interesse sobre os estudos da literatura afro-brasileira de autoria feminina, só é possível, pois, há quem a faça, quem a leia, quem levante questionamentos, quem a pesquise, visto isso, é a literatura que nos interessa, os textos são a nossa fonte para entender os anseios dessa autora.

O presente trabalho quer saber sobre Ana Davenga, sobre Maria, sobre a família e principalmente sobre o pai, sua posição nessas duas estruturas familiares, entender os papéis, os possíveis conflitos causados pela culposa presença do homem nas duas trágicas narrativas. O discurso patriarcal de abandono e opressão, encabeça toda desgraça que ocorre na vida das duas personagens que sonham em um projeto familiar como uma experiência distante e traumática.

Levar esses questionamentos para a sala de aula seria uma ótima oportunidade para se discutir temas complexos, que envolvem desde uma simples acomodação cotidiana, diante do cenário de dependência e subserviência ao companheiro, a uma posição de riscos que levam a desfechos trágicos de assassinatos brutais em comunidades pobres. Os contos carregam os lamentos das mulheres negras, pobres e como elas são majorias entre jovens nas escolas públicas, a literatura evaristiana torna-se ferramenta fundamental nos estudos de literatura afro-brasileira contemporânea de autoria feminina. O aluno que entrar em contato com os enredos da violenta realidade de Conceição Evaristo irá, em muitos casos, se ver, pois facilmente encontramos personagens que sofreram violência parecida ou têm alguém da família, vizinha ou amiga que passou por tais experiências. As escolas públicas têm muito mais “Marias” do que julgamos na realidade, muito mais “Anas Davenga”, e talvez não demos a devida voz a elas, porque elas não se veem na literatura: nos Contos, na Poesia, no Romance. Diante do cenário obscuro de violência contra

mulheres, ler Conceição Evaristo é um ato de consciência, e mais ainda, é dar o basta na violência, nas condições que as mulheres assumem suas atuações de sombra e desconhecimento, e muito mais além, incentivar jovens de classes esquecidas ao empoderamento da literatura, da poesia.

1 FUNDAMENTAÇÕES TEÓRICOS-METODOLÓGICAS

A literatura brasileira é marcada por segregação e preconceitos e diante desse cenário exclusivo a uma pequena parte da população, toda manifestação fora desse eixo será marginalizada, diminuída, questionada, mas nunca bem recepcionada. Um lugar onde os problemas sociais criam abismos cada vez maiores, não há o que fazer a não ser encarar a literatura contemporânea como um meio de expressar revolta a grande parte dos problemas, dos anseios dessas populações. Quando se trata de uma escritora, a desigualdade só aumenta, dados confirmam o difícil acesso das mulheres à grande indústria de produção literária no país, segundo Dalcastagné:

Os números indicam, com clareza, o perfil do escritor brasileiro. Ele é homem, branco, aproximando-se ou já entrado na meia idade, com diploma superior, morando no eixo Rio-São Paulo. Um pouco menos da metade (46,7%) já havia estreado em livro antes de 1990 (ou seja, os livros constantes do corpus se inserem em meio a uma carreira literária já em curso); quase todos (90,3%) têm outros livros publicados além dos incluídos no corpus da pesquisa. (DALCASTAGNÉ, 2005, p. 33).

Uma das referências dessa pesquisa para a busca do tema escolhido, Regina Dalcastagné, será de suma importância para conduzir os dados das afirmações sobre o espaço da mulher na literatura feminina negra contemporânea. Margaret Aparecida de Oliveira, entre outros, irão ser o norte para entendermos o olhar do homem sobre a família e a violência presentificada nos espaços. Para elaboração do trabalho, o método será bibliográfico, documental. Todas questões levantadas aqui serão pautadas pela apropriação das referências escolhidas.

2 ANA DAVENGA

A trama se desenrola, inicialmente, em uma roda de samba, Ana Davenga conhece seu futuro esposo e de pronto é levada para favela onde iria passar o resto da vida com ele. Depois de casada, acomoda-se à uma posição de dependência. Não sabendo da exatidão da profissão do marido, que passava meses fora e do nada aparecia. Ana ficava sob a vigilância dos parceiros do esposo (capangas que se encontravam para tratar de assuntos duvidosos e que Ana Davenga não se interessava). O tempo passou e ela engravidou, o casal levava a vida amparada sempre de pessoas ao redor da casa. Davenga ia e vinha de suas viagens e sua esposa sempre “obediente” aguardava sua volta. Em um desses retornos ele preparou uma aniversário surpresa para a esposa, algo que nunca acontecera em sua vida antes, porém no dia da festa de aniversário de Ana, a polícia invade o barraco, troca tiro com os amigos de Davenga e mata o casal na cama. Ana Davenga morre com a mão na barriga, na tentativa de proteger o filho.

A família sob a égide do pai

As estruturas familiares brasileiras, apesar de terem sido reconfiguradas e ocorrido grandes mudanças, em suas bases, nos últimos anos, na maioria dos casos, os frutos dessas mudanças são a recorrente ausência do pai no leito familiar, porém positivamente podemos ressaltar a grande crescente ocupação das mulheres no mercado de trabalho que também influenciou essa reorganização. Santos Freire não afirmar isso como a morte da família, muito pelo contrário:

[...] a família deve ser compreendida como uma instituição basilar na medida em que nenhuma sociedade consegue se organizar sem ela. Apesar das diferentes conjecturas sobre a crise da família, ou a possibilidade de existência de uma sociedade sem família, ou da morte da família, o que tem acontecido é que a família vem se reorganizando e essa reorganização é, nos termos do texto, transtemporal e transcultural, o que permite que seja caracterizada, portanto, como uma instituição flexível e persistente. (Santos, 2020, p. 137).

Países onde a desigualdade social é maior, o quadro se agrava ainda mais, não é difícil encontrar mulheres que dependam do homem e por isso sofram com a falta de perspectiva e se acomodem a subserviência, opressão e que na maioria dos casos, não gozam de escolhas. A história de Ana Davenga não é diferente, uma jovem que por conta própria se dispõe a passar o resto de sua vida com um homem rodeado de “mal assombros”, movimentações suspeitas e um emprego ariscado, não poderia levar a culpa pela decisão por ela tomada de aceitar a viver nessas condições, isso não a faz culpada de sua situação, pois o ambiente em que ela compartilha com todos os personagens da trama é o mesmo, trata-se de uma imposição social que enquadra a todos os indivíduos de comunidades abandonadas pelo estado a viverem em seus riscos, por conta própria e esse poder de decisão não seria, exatamente, um poder concebido pelo direito de liberdade e escolha, na verdade a vida não lhe dava muita escolha.

As histórias narradas representam, primordialmente, pessoas que integram uma comunidade heterogênea constituída em grande parte por grupos minoritários que compartilham uma mesma realidade social, o que é mais uma característica das narrativas que se enquadram nas poéticas do desterro. (Santos, 2020, p. 137).

A imagem de Davenga, em alguns trechos, ostenta uma certa fragilidade. Enquanto o casal trocava comunhão de afetos, uma imagem humanizada surgia de Davenga Como se o homem perdesse toda sua brutalidade diante da amada:

Nuzinho. Bonito o Davenga com a pele que Deus lhe deu. Uma pele negra, esticada, lisinha, brilhosa. Ela mal fechava a porta e já se abria todinha para seu homem. Davenga! Davenga! E aí acontecia o que ela não entendia. Davenga que era tão grande, tão forte, mas tão menino, tinha o prazer banhado em lágrimas. Chorava feito criança, soluçava, umedecia ela toda. Seu rosto, seu corpo ficava úmidos das lágrimas de Davenga. (EVARISTO, 2014, p. 15).

Essa imagem, apenas, representava aquilo que Davenga era no seio de sua esposa, não havia fragilidade alguma em suas práticas transgressoras, o crime era a base para ele se impor em todas as suas relações:

Davenga olhou a rua. Tudo ermo, tudo escuro. Madrugada e frio. Mandou que o homem abrisse o carro e pediu as chaves. O deputado tremia, as chaves tilintavam em suas mãos. Davenga mordeu o lábio, contendo o riso. Olhou o político bem no fundo dos olhos, mandou então que ele tirasse a roupa e foi recolhendo tudo. — Não, doutor, a cueca não! Sua cueca não! Sei lá se o senhor tem alguma doença ou se tá com o cu sujo! Quando arrecadou tudo, empurrou o homem para dentro do carro. Olhou para ele e balançou as chaves. Deu um adeus ao deputado, que correspondeu ao gesto. (EVARISTO, 2014, p. 16).

Ana Davenga sabia dos riscos, mas a acomodação por sua condição de dependência fazia com que ela fechasse os olhos para muitas coisas, a maneira que ela encontrou de manter sua vida como estava, talvez fosse ignorar tudo aquilo que estivesse comprometida, em nenhum momento defendeu as atitudes criminosas do marido. O ambiente e as pessoas que a rodeavam, não eram do tipo que uma mulher poderia confrontar. Ela sabia, tinha medo:

Desde aquele dia Ana ficou para sempre no barraco e na vida de Davenga. Não perguntou de que o homem vivia. Ele trazia sempre dinheiro e coisas. Nos tempos em que ficava fora de casa, eram os companheiros dele que, através das mulheres, lhe traziam o sustento. Ela não estranhava nada. (EVARISTO, 2014, p. 17).

Davenga já tinha mandado matar uma mulher. Ela se recusou a ser sua esposa e sofreu as consequências, Ana Davenga sabia disso:

As histórias e os feitos de Davenga vieram quentes e vivos em sua mente. Dentre eles, um em que havia uma semelhante sua, morta. Nem no dia em que Davenga, de cabeça baixa, lhe contara o crime, ela tivera medo do homem. Buscou as feições de suas semelhantes, ali presentes. Encontrou calma. (EVARISTO, 2014, p. 15).

Havia um projeto de família nessa trama: um pai que ditava os rumos, a mãe reprimida e uma futura criança que estava prestes a nascer e todos estavam a mercê de uma tragédia que se consumiria no dia do aniversário de Ana Davenga. A festa de alguma forma simbolizava a representação de uma família ou pelo menos, o desejo.

A violência nos espaços de ação na tessitura evaristiana

A violência em Conceição Evaristo é explorada pelo espaço em que estão situadas as personagens: a repressão, opressão, toda violência é impressa nos lugares onde as ações acontecem:

O barraco de Ana Davenga, como o seu coração, guardava gente e felicidades. Alguns se encostaram pelo pouco espaço do terreiro. Outros se amontoaram nos barracos vizinhos, por onde rolavam a cachaça, a cerveja e o mais e mais. Quando amadugada afirmou, Davenga mandou que todos se retirassem, recomendando aos companheiros que ficassem alertas. (EVARISTO, 2014, p. 19).

O espaço guarda um certo aniquilamento das pessoas, o ambiente sempre rodeado de tensão, anunciando que a qualquer hora alguma de ruim viria a acontecer. As pessoas ocupavam sempre espaços carregados de riscos, o barraco rodeado de pessoas vigiando a casa. Um quartel-general pronto para guerra. Foi nesse espaço de apreensão que a polícia invadiu o barraco e assassinou o casal, Ana Davenga morreu com a mão na barriga querendo proteger o filho e mais uma vez o cenário foi um desenho típico da representação da violência nas obras evaristianas:

Os noticiários depois lamentavam a morte de um dos policiais de serviço. Na favela os companheiros de Davenga choravam a morte do chefe e de Ana, que morrera ali na cama, metralhada, protegendo com as mãos um sonho de vida que ela trazia na barriga. Em uma garrafa de cerveja cheia de água, um botão de rosa, que Ana Davenga havia recebido de seu homem, na festa primeira de seu aniversário, vinte e sete, se abria. (EVARISTO, 2014, p. 19).

3 MARIA

O segundo conto a ser analisado chama-se Maria e também faz parte do livro de contos “Olhos d’água” de Conceição Evaristo. A história narra a trágica rotina de uma trabalhadora, tentando voltar para casa depois de um dia cansativo. Maria se encontra com o pai de um dos seus filhos (o filho maior), não sabendo ela que ele estava prestes a assaltar o ônibus. Após o ocorrido os usuários do coletivo apontam ela como culpada e cúmplice dos ladrões, Maria termina sendo morta, pisoteada pelas pessoas que a viram conversando inocentemente com o seu ex-marido.

A família sob a égide do pai

Maria era mais uma das tantas mulheres que são abandonadas pelo marido. Esse modelo de família desenhado para ela, onde o pai é o centro do destino de toda família, agrava ainda mais quando se trata de uma mulher negra, cujas condições sociais são sempre mais delicadas. O espaço que ela ocupa nesse conto de Conceição Evaristo é de abandono e apesar de haver uma certa demonstração de saudade no trecho: “Tudo foi tão rápido, tão breve, Maria tinha saudades de seu ex-homem. Por que estavam fazendo isto com ela? O homem havia segredado um abraço, um beijo, um carinho no filho. Ela precisava chegar em casa para transmitir o recado. ” (Evaristo, 2014, p.26) nada mudaria na sua vida, voltaria para casa mais uma vez, para o barraco, sozinha para cuidar e sustentar os filhos com um trabalho cansativo e que lhe dava poucas esmolas, voltaria para casa, isso, não fosse o final trágico. Assim como a história de Ana Davenga, em Maria, o pai também é um transgressor, porém a imagem do homem se configura, nos sonhos distantes de Maria, como uma representação importante que falta em sua família, mesmo ela sabendo que não tinha mais volta:

Maria viu, sem olhar, que era o pai de seu filho. Ele continuava o mesmo. Bonito, grande, o olhar assustado não se fixando em nada e em ninguém. Sentiu uma mágoa imensa. Por que não podia ser de uma outra forma? Por que não podiam ser felizes? (EVARISTO, 2014, p. 24).

Maria não estava mais com ele, porém demonstrava um sentimento de perdão aos relacionamentos e filhos que teve após a separação: “Você já teve outros... outros filhos? A mulher baixou os olhos como que pedindo perdão.” (Evaristo, 2014, p. 24).

A violência nos espaços de ação na tessitura evaristiana

O espaço, sendo a casa, o trabalho ou qualquer outro cenário que nos faça sentir valores humanos, deixa de ser espaço para se tornar lugar. Um lugar não se limita a uma fronteira física, mas sim diz respeito ao social, às relações de convívio.

A narrativa ocorre dentro de um ônibus e para essas pessoas marginalizadas que ocupam os espaços públicos decadentes e esquecidos pelo estado, muitas vezes o que resta é o medo:

O medo está nessas situações, está nessas vivências e está, com mais ênfase, nesses espaços que se encontram à margem da sociedade, nos quais governantes e pessoas em condição socioeconômica privilegiada sujeitam os mais pobres à desigualdade, ao preconceito e às injustiças. A segregação se manifesta nas casas, bairros e lugares, criando discrepâncias e justificando desigualdades e diferenças por meios de dinheiro e poder, classes socioeconômicas, o que geram exclusão de pessoas pobres e tira deles seus direitos, conforto e segurança, gerando conflitos que habitam o tempo passado e permanecem até hoje. (Alemão, Rodrigues, 2018, p.131)

O espaço é caracterizado pelas alegorias típicas de uma sociedade abandonada e violentada. Após o assalto Maria é agredida até a morte. As pessoas acreditavam que ela estava dando a poio aos ladrões, os exaltados condenaram à morte de forma animalésca a pobre trabalhadora:

A primeira voz, a que acordou a coragem de todos, tornou-se um grito: *Aquela puta, aquela negra safada estava com os ladrões!* O dono da voz levantou e se encaminhou em direção à Maria. A mulher teve medo e raiva. Que merda! Não conhecia assaltante algum. Não devia satisfação a ninguém. *Olha só, a negra ainda é atrevida,* disse o homem, lascando um tapa no rosto da mulher. Alguém gritou: *Lincha! Lincha! Lincha!* Uns passageiros desceram e outros voaram em direção à Maria. (Evaristo, 2014, p. 25).

Mais uma vez, o desejo de uma mulher negra em ter uma família é interrompido pela violência. Restritos a um ambiente de desumanização e completamente abandonados pelos pais e pelo poder público, estarão, os filhos de Maria, perpetuando a triste realidade das comunidades pobres e negras do país.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os autores negros encontram uma representação como sujeitos ainda na década de 1980. Os estudos e as produções de culturas negras cuidaram do fértil terreno, que permitiu o interesse sobre tais estudos. Foi o início que permitiu um pouco mais de visibilidade, ainda que pequena, dos negros no mercado editorial:

[...] sabemos que o trabalho do Quilombhoje, a série Cadernos Negros e as outras produções em prosa e poesia, contribuíram para essa perceptibilidade que parte de Luiz Gama, Machado de Assis, Maria Firmina dos Reis, Nascimento Moraes, Ruth Guimarães, Lino Guedes, Lima Barreto, até chegar a contemporâneos como Oswaldo de Camargo, Cuti, Miriam Alves, Esmeralda Ribeiro, Paulo Colina, Lia Vieira, Leda Martins, Edimilson de Almeida Pereira, Paulo Lins, Conceição Evaristo, Ana Maria Gonçalves, dentre outros. (Oliveira, 2015, p. 26).

Diante dos fatos apresentados, os contos se assemelham ao apresentar os espaços, personagens e como são ofertadas as condições para cada uma delas. A mulher em uma situação de risco e vulnerabilidade e repressão. O espaço fazendo um papel importante, figurando a condição desumana em que as classes menos favorecidas são expostas. Os trágicos e violentos desfechos sofridos por Maria e Ana Davenga foram, a todo instante, traçados pela presença do homem, pois nada haveria acontecido caso os dois não tivessem atuações antagônicas nas duas narrativas. A violência nos dois contos é originada do homem que mata e que ao mesmo tempo afaga as dores das duas principais personagens, a humanização das personagens permite uma certa identificação do leitor:

É importante destacar o modo como estão estruturadas as narrativas e como se constitui o discurso dos narradores nos contos: há a retomada da trajetória de vida das personagens, a exposição de condições objetivas (históricas, sociais e econômicas) que incidem sobre os sujeitos da ficção, o que permite ao leitor compreender com mais empatia a situação dos marginalizados das grandes cidades. (Alemão, Rodrigues, 2018, p.134)

A pesar de haver uma demonstração de equiparação de todas as personagens numa mesma condição de risco, atuando, assim, todos como produtos de um mesmo sistema, as mulheres e crianças, ainda, são apresentadas como o lado mais frágil da história.

REFERÊNCIAS

DALCASTAGNÈ, Regina. **A personagem do romance brasileiro contemporâneo: 1990-2004.** *Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea*, n.º 26. Brasília, julho-dezembro de 2005, pp. 33-53

FREIRE, Poliana de Fátima Santos. **Afetos possíveis: A representação de diferentes tipos de arranjos familiares na literatura brasileira contemporânea.** Vasconcelos Leal. Brasília, 2020. 296p.

ALEMÃO, Suelen. RODRIGUES, Adriana. **Espaços de disputas em olhos d'água, em Conceição Evaristo.** Programa de apoio à iniciação científica. p. 131-134. 2018.

OLIVEIRA, Margaret Aparecida de. **Narrativas de favelas e identidades negras.** Universidade Federal de Minas Gerais. p. 26-38. 2015.

EVARISTO, Conceição. **Olhos d'água.** Rio de Janeiro: Pallas: Fundação Biblioteca Nacional. p. 13-26. 2016.